

concebe o significado como **construção mental produzida para e pelo sujeito**, tem por objetivo identificar os mapeamentos cognitivos subjacentes às estruturas lingüísticas, assumindo-se que tais operações são responsáveis pela multiplicidade e complexidade de enunciados produzidos pelos falantes, que são perfeitamente compreendidos pelos seus interlocutores.

Este trabalho detém-se particularmente em construções condicionais do tipo “se p, (então) q”, na tentativa de explicar as diferenças mapeadas na seleção modo-temporal na prótase, mais especificamente a escolha entre presente do indicativo e futuro do subjuntivo.

A estratégia utilizada para essa investigação foi observar a tradução Inglês-Português de construções condicionais que apresentam o “Present Simple”. Visto que o português disponibiliza o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo nesses contextos, tornou-se relevante investigar os processos pragmático-discursivos subjacentes à essa escolha e formular generalizações com base em contrastes observados quanto à armação do significado, estabelecendo paralelos entre as duas escolhas modo-temporais bem como entre as implicações cognitivas e comunicativas que cada uma tem no contexto pragmático-discursivo.

1. Pressupostos teóricos

O trabalho se fundamentou em teorias da significação que advogam o significado como um processo de construção de sentido, que é ativado com base em um repertório de modelos conceptuais pré-existentes na mente humana e que dão sustentação às estruturas lingüísticas. A teoria dos atos de fala também foi instrumento essencial na análise das construções condicionais na medida em que o seu contexto pragmático-discursivo sinalizava intenção comunicativa.

1.1. Leitura e tradução

A leitura pode ser entendida como um **processo sócio-cognitivo de construção de sentido**, na medida em que escritor e leitor interagem por meio de um veículo de comunicação – o texto – que oferece pistas lingüísticas suficientes para que o leitor construa sua significação, com base em operações mentais que ativam diferentes níveis de conhecimento: **conhecimento lingüístico, conhecimento textual, conhecimento de mundo** ou **enciclopédico**. O escritor assume o papel de **sujeito da enunciação** e interage com o **sujeito cognitivo**, o leitor. É neste sentido que KLEIMAN (1995: 10) diz ser a leitura “...um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”.

A tradução tem sido, ao longo das últimas décadas, teorizada e definida segundo as mais diferentes abordagens, muitas vezes calcada numa classificação bipolarizada em tradução literal e tradução não-literal. No entanto, segundo ALVES (1996:185), observa-se, mais recentemente, uma tendência que

Molduras comunicativas, no sentido pretendido por GOFFMAN (1974), são enquadramentos específicos que se fazem em contextos de interação comunicativa. Nas palavras de SALOMÃO (1999:30), são esquemas conceptuais que “presumem a definição das **identidades** de seus participantes, dos **papéis sociais** que eles desempenham, do tipo de **simetria** das relações entre eles, do tipo de **agendas** que organizam os encontros”.

Tais esquemas podem ser instanciados de diversas formas, tais como “interação em SALA DE AULA”, “DISCURSO POLÍTICO”, “PREGAÇÃO RELIGIOSA”, “CONVERSAÇÃO ESPONTÂNEA”, entre outros. Em qualquer caso, trata-se de domínios conceptuais permanentes, organizados internamente e instanciados segundo necessidades locais específicas. Tais domínios mostram-se disponíveis como normas de conduta, estabelecendo papéis comunicativos particulares, evidenciando que o sentido é construído como operação social.

2.3 Teoria dos Espaços Mentais

No curso da abordagem sócio-cognitivista da linguagem, encontramos suporte para investigar a multiplicidade de significações que uma mesma forma lingüística pode suscitar, bem como a complexidade de operações que relevam a interpretação desejável, favorecida pela constatação de que as formas lingüísticas por si só não são suficientes para que se interprete enunciados, como veremos a seguir, embora não se possa privar das mesmas. Um exemplo da complexa rede de operações mentais que realizamos ao interpretar é a sentença oferecida por FAUCONNIER (1994: 6):

- (2) The mushroom omelet left without paying the bill.
(O omelete de cogumelos saiu sem pagar a conta.)

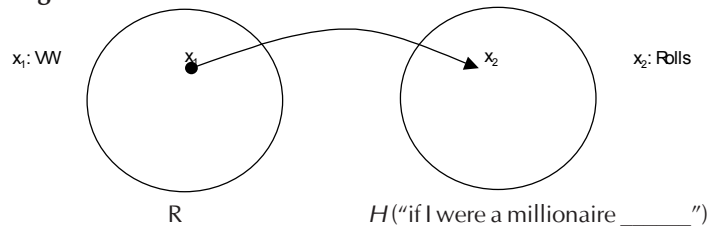
Tal sentença só é compreensível dentro de um **MCI** de IR AO RESTAURANTE, com uma seqüência estereotipada de eventos, um **script** de escolher uma mesa, pedir o cardápio, fazer o pedido, consumir, pedir a conta, pagar e sair; com **papéis sociais** distintos, que nos permitem *inferir* que o “omelete de cogumelos” está representando, através de um processo de **metonímia**, o freguês cujo pedido foi uma omelete de cogumelos.

As estruturas cognitivas, como já dissemos anteriormente, subjazem as estruturas lingüísticas. A **Teoria dos Espaços Mentais** proposta por FAUCONNIER (1994) é uma tentativa de explicitar a relação entre expressões lingüísticas e construtos cognitivos, a natureza das **conexões** que operam entre os **domínios cognitivos** instanciados – os **espaços mentais** – e que permitem que a interpretação relevante se processe. Nas palavras de FAUCONNIER (1997: 34), “*espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para fornecer substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo*”. Um dos princípios que regem esse tipo de operação é o que FAUCONNIER (1994:3) denominou o **Princípio da Identificação**, que passamos a detalhar a seguir.

- (4) Len believes that the girl with blue eyes has green eyes.
 (Len **acredita** que a garota de olhos azuis tem olhos verdes.)
 (5) If I were a millionaire, my VW would be a Rolls.
 (**Se eu fosse milionário**, o meu Volkswagen seria um Rolls-Royce.)

Esquemáticamente teríamos a seguinte configuração para o exemplo (6):

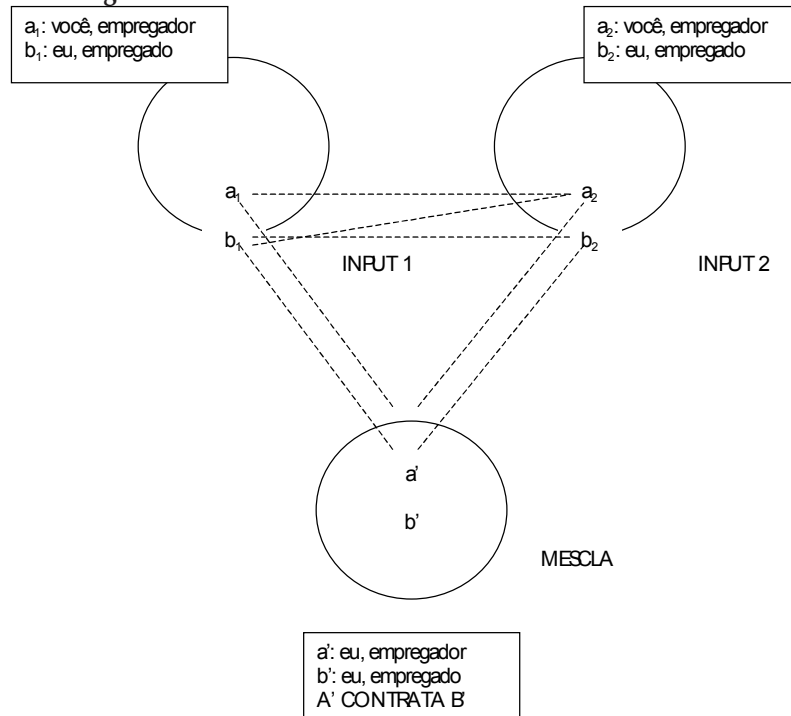
Diagrama 4



2.4 Mesclagem

A mesclagem, termo cunhado por FAUCONNIER & TURNER (1994, 1996), caracteriza-se por ser um processo cognitivo mais geral, que herda estrutura de dois espaços mentais diferentes projetados segundo os MCIs ativados e que funcionam como “inputs” para a criação de um novo espaço-mescla, com estrutura própria.

Diagrama 5



com relação a 1990. “Em 1991 ele se mudaria para Veneza” introduz um novo espaço-evento para onde o foco, mais uma vez, se desloca. Se quiséssemos ter dito algo bem próximo como, por exemplo, “Em 1991 Max mudou-se para Veneza”, teríamos o ponto de vista centrado no espaço-base (Max ter 23 anos). A última sentença, “Ele teria então morado um ano em Roma” introduz novo espaço-evento, mas mantém o ponto de vista no espaço introduzido por “Em 1990” e o foco no espaço introduzido por “Em 1991”.

2.6. Construções condicionais

2.6.1 A categorização de Eve Sweetser

Como vimos na seção sobre a Teoria dos Espaços Mentais, existem expressões lingüísticas que são construtoras de espaço mental ou “space builders”. Dentre estas, estão as construções condicionais. Segundo SWEETSER (1990), o uso das construções condicionais escapa à mera condicionalidade definida pela forma lógica “*se p então q*”; ou seja, construções condicionais bem formadas do ponto de vista lógico não são reconhecidas como tal pelos falantes de línguas naturais. O exemplo sugerido por Sweetser é o seguinte:

- (8) If Paris is the capital of France, then two is an even number.
(Se Paris é a capital da França, (então) dois é um número par.)

Ela argumenta que não há relação ou conexão entre o conteúdo da prótase e o conteúdo da apódose, ou seja, o conteúdo da apódose não é condicionalmente dependente do conteúdo da prótase, condição necessária à definição lógica de condicionalidade “*se p então q*”. Sweetser observa, então, que no **domínio do conteúdo**, “*a realização do evento ou situação descritos na prótase é condição suficiente para a realização do evento ou situação descritos na apódose*” (1990: 114). No exemplo oferecido por Sweetser:

- (9) If Mary goes, John will go.
(Se Mary for, John irá.)

O conteúdo da prótase e o conteúdo da apódose podem estar em **relação causal**, ou seja, a ida de Mary pode causar ou resultar na ida de John. Sweetser denominou esse tipo de condicional de **condicional de conteúdo**. Em termos de configuração em espaços mentais, FAUCONNIER (1997) definiu, para as construções condicionais, dois espaços mentais sucessivos: o **espaço fundação H** e o **espaço expansão J**. O espaço expansão J herda informação explícita do espaço fundação H, que serve de **informação-fundo**. O evento expresso na prótase está no escopo do espaço fundação H, enquanto que o evento descrito na apódose está no escopo do espaço expansão J.

O conteúdo da prótase e o conteúdo da apódose estão em relação de condicionalidade e causalidade: a ida de John está condicionada à ida de Mary. Um segundo tipo de construção condicional analisado por Eve Sweetser

Sweetser observa que, no primeiro caso, o falante se identifica com P (prótase) como uma descrição da situação real (“*você diz que ele está*”). No segundo caso, o falante não se identifica com P nem com ~P (“*eu não sei, mas...*”). No terceiro caso, o falante se identifica com ~P em vez de P (“*se ele estivesse...*”). No primeiro caso, então, a identificação com a prótase sinalizaria **postura epistêmica positiva** com relação ao conteúdo desta. No segundo caso, a não-identificação com P ou com ~P sinalizaria uma **postura epistêmica neutra** em relação ao conteúdo da prótase. No terceiro caso, a identificação com ~P sinalizaria uma **postura epistêmica negativa** com relação ao conteúdo expresso na prótase.

2.7. A Teoria dos Atos de Fala

Como vimos acima, existe uma categoria de construções condicionais que realiza atos de fala condicionalmente, baseada em princípios de cooperação e relevância. O que vem a ser um ato de fala? Na concepção de AUSTIN (1970^a), o **ato de fala** desempenha uma ação específica, além de significar, por meio de **forças** específicas. Para tal, é necessário que ele preencha **condições de felicidade** que, na sua classificação, agrupariam-se em três categorias:

- a (i) a existência de um procedimento convencional com um efeito convencional correspondente;
 - (ii) circunstâncias e pessoas apropriadas, segundo o procedimento;
 - b execução (i) correta e (ii) completa do procedimento;
 - c as pessoas terem (i) os pensamentos, sentimentos e intenções necessários para o procedimento e (ii) conduta específica pelas partes envolvidas.
- SEARLE (1976), em trabalho posterior ao de Austin, elegeu cinco tipos básicos de atos que se pode desempenhar na enunciação, expostos a seguir:
- (i) **Representativos:** comprometem o falante com a verdade da proposição: expressa, como em afirmações, conclusões, etc;
 - (ii) **Diretivos:** tentam fazer com que o interlocutor faça algo, como em pedidos, perguntas, etc;
 - (iii) **Compromissivos:** comprometem o falante com uma ação futura, como em promessas, ameaças, ofertas, etc;
 - (iv) **Expressivos:** expressam um estado psicológico, como em agradecimentos, desculpas, boas-vindas, parabenizações, etc;
 - (v) **Declarativos:** realizam mudanças no estado institucionalizado de coisas, como, por exemplo, em declarações de guerra, batismos, demissões, etc.

2.8 Face e Trabalhos de face

Na interação conversacional, a relação falante-interlocutor se pauta, como observa SILVEIRA (1998), em **trabalhos de face**. **Face** é, na concepção de GOFFMAN (1983: 77), “*o valor social positivo que uma pessoa realmente reivindica para si, a partir da linha que os outros pressupõem que ela tenha adotado, durante um contato particular*”. **Trabalhos de face** são, segundo o mesmo autor, “*ações realizadas por uma pessoa para tornar aquilo que esteja fazendo consistente com a face que está sendo reivindicada, num dado momento*” (p.78). Assim sendo, as pessoas, na interação verbal, podem **ameaçar**

O exemplo acima aparece agora em seu respectivo contexto:

Monk descreveu os acontecimentos de 15 de julho, tão depressa quanto podia, com medo de perder a atenção do velho ou, pior ainda, sua paciência. — Não acredito! — disse o general, quando ele terminou. — Veio aqui com uma história fantasiosa...

— **Se é uma história fantasiosa, então três homens não morreram na tentativa de recuperar o documento.** Mas morreram. Vai a algum lugar esta noite?

— Não. Por quê?

— Então por que não larga as memórias de Pavel Grachev e lê as intenções de Igor Komarov?

O falante retoma, na interação, a informação dada pelo interlocutor, assumindo o conteúdo da prótase como **factual** dentro do escopo hipotético, deslocando o ponto de vista do espaço-base B para o espaço hipotético H. O falante acredita na relação, no domínio epistêmico, entre os dois eventos descritos e, portanto, assume, em relação a eles, **postura epistêmica positiva**. A **intenção comunicativa** do falante é *convencer* o interlocutor de seu próprio ponto de vista e fazer com que ele leia o documento.

No exemplo analisado, o uso da construção condicional evidencia enquadre pragmaticamente marcado, na medida em que o ato de fala está sendo realizado condicionalmente.

Como já observou FERRARI (1999), ocorre um processo de **mesclagem** entre os dois enquadres, o marcado e o não-marcado, que por sua vez se projetam no espaço-mescla, que herda elementos dos dois primeiros. Da mesma forma, os mesmos atos ilocucionários realizados condicionalmente poderiam ser realizados sem o uso da construção condicional, ou seja, serem pragmaticamente não-marcados; mas é através da condicional que o ato de fala adquire relevância. Em termos de intenção comunicativa, a condicional sinaliza imposição de força no fluxo interacional. A postura epistêmica é positiva em relação ao conteúdo da prótase. O evento no espaço hipotético é tomado como fato. Há, então, um processo de **mesclagem** entre o enquadre não-marcado pragmaticamente – o ato de fala puro e simples – e o enquadre marcado pragmaticamente pelo uso da construção condicional como ambiente cognitivo para a relevância do ato ilocucionário. Para ilustrar o processo de mesclagem que ocorre nessas interações, mostramos, esquematicamente, a seguinte configuração para o exemplo (15) do item 4.1 acima:

(15) **Se é uma história fantasiosa, então três homens não morreram na tentativa de recuperar o documento.**

4.2. Análise das Construções Condicionais com Tradução de Futuro do Subjuntivo na Prótese

Uma operação observada e em número bem elevado no que se refere às construções condicionais pragmáticas foi o uso do futuro do subjuntivo para introduzir **atos de fala**, ou seja, o conteúdo da prótase funciona como **ambiente cognitivo** para que um determinado ato de fala atinja **relevância** ou promova **proteção à face** na interação conversacional. O exemplo abaixo ilustra o exposto:

— Estive pensando, Nigel... aquelas pessoas que você vai visitar na América na próxima semana...

— Meu caro Henry, nem mesmo você deveria saber disso.”

Neste caso, o uso do futuro do subjuntivo está sinalizando a reserva do interlocutor quanto a assumir o ponto de vista do falante. A sua **postura epistêmica** é, portanto, **neutra**. O conteúdo expresso na prótase está no escopo da condicional e tem valor de **hipótese**. A **intenção comunicativa** é de **especular** sobre o possível curso de eventos. No caso de atos de fala diretivos, como a pergunta e o pedido, o falante tenta levar o interlocutor a realizar uma determinada ação. No entanto, o falante evita sinalizar sua intenção comunicativa diretamente, revelando uma preocupação com a **preservação da face** na interação. A condicional funciona, então, como recurso para o falante se precaver de possíveis **barreiras interacionais**.

Mais uma vez, observamos, nos exemplos relativos à escolha do futuro do subjuntivo para a tradução da prótase condicional, uma **mesclagem de enquadres**. Notadamente, os exemplos revelam a utilização da construção condicional para fornecer **ambiente cognitivo** para que o ato de fala atinja **relevância**, obedecendo às **condições de felicidade** para sua realização completa e correta. O enquadre que está sendo dado é, portanto, marcado pragmaticamente. Por outro lado, se o mesmo ato de fala fosse realizado por si só, não teria as mesmas implicações pragmatico-discursivas e não estaria, então, marcado pragmaticamente. O enquadre marcado e o não-marcado dão origem ao espaço-mescla, que herda elementos dos dois enquadres. Realizamos a configuração abaixo para ilustrar o exposto com base no exemplo (17) desta seção:

- (17) E se eu **concordar** com tudo o que você diz, o horror do manifesto e a probabilidade de que seja autêntico, o que acontece então?

Percebeu-se que a construção condicional foi, em boa parte do corpus, utilizada como recurso para a realização de atos de fala em ambas as escolhas modo-temporais. Com base nessa constatação, elaboramos a tabela abaixo:

Tabela 1 - Atos de Fala e Escolha Modo-Temporal

Atos de Fala	Presente do Indicativo		Futuro do Subjuntivo	
	Atos de Fala	%	Atos de Fala	%
Representativos	Afirmação	(33,4%)	Afirmação	(66,6%)
Diretivos	Pergunta	(50%)	Pergunta	(50%)
	Pedido	(33,4%)	Pedido	(66,6%)
	Sugestão	(100%)	—	—
	—	—	Advertência	(100%)
	—	—	Aviso	(100%)
	—	—	Ordem	(100%)
	—	—	Convite	(100%)
	—	—	Instrução	(100%)
Compromissivos	—	—	Permissão	(100%)
	—	—	Promessa	(100%)

que o conteúdo da prótase expressa o ponto de vista do interlocutor ou da situação representada que é assumido como factual para reforçar a relevância da pergunta. Nas traduções com o futuro do subjuntivo, o não comprometimento com o evento descrito na prótase é estratégia consistente com a intenção comunicativa de especular sobre um curso futuro de eventos. No caso dos pedidos, a tradução com o presente do indicativo sinaliza negociação de ponto de vista, na medida em que o conteúdo da prótase é assumido como factual. O falante o pressupõe como sendo o ponto de vista de seu interlocutor a fim de tornar o pedido relevante. No caso das traduções com o futuro do subjuntivo, a prótase tem como objetivo proteger a face do falante na interação, que, dessa forma, precavem-se de barreiras interacionais.

- d. Atos diretivos que representam ameaça à face do interlocutor, tais como advertências e ordens, tendem a ser introduzidos por uma forma verbal que sinaliza uma postura epistêmica neutra, a fim de que o falante se precavenha de possíveis barreiras interacionais. Nestes casos, o falante checa as condições de felicidade para a realização do ato de fala, ou seja, certifica-se de que a advertência não seja em vão e de que a ordem tenha condições mínimas de ser cumprida. O interlocutor é responsável pelo desencadeamento da ação.
- e. Atos diretivos tais como instruções, avisos, permissões e convites têm normalmente como beneficiário o interlocutor. O falante, por meio da construção condicional, satisfaz às condições de felicidade para a realização do ato de fala, tornando-o, dessa forma, relevante no contexto da interação. O falante protege a face contra eventuais barreiras interacionais ao se utilizar de uma forma verbal que sinaliza distância epistêmica maior e postura epistêmica neutra.
- f. Os atos compromissivos, tais como as promessas, comprometem o falante com um curso futuro de eventos. É natural que a postura epistêmica seja neutra para o falante se precaver de possíveis barreiras com relação à satisfação das condições de felicidade dos atos em questão. Neste tipo de ato de fala, o beneficiário é o interlocutor, mas é o falante quem deve preencher as condições de felicidade para a realização da promessa – ter condição de cumpri-la.

Considerações finais

Verificou-se que as traduções com o presente do indicativo ocorridas em em seqüências interacionais ora sinalizou adoção de ponto de vista do interlocutor por parte do falante, assumindo-o como factual e tendo, em relação a ele, postura epistêmica positiva, com o objetivo de negociar outro ponto de vista; ora sinalizou imposição de força factual para se atingir a relevância e as condições de felicidade na realização de atos de fala diretivos do tipo “sugestão”. Em ambos os casos, verificou-se a ocorrência do processo cognitivo de mesclagem, na medida em que os dois enquadres – o marcado pragmaticamente

- FERRARI, Lilian V. Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais no Português do Brasil. In: *Processos cognitivos de Mesclagem na Análise do Discurso Real*. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq). Rio de Janeiro/Juiz de Fora, 1999, p. 1-15.
- FERRARI, Lilian V. Modalidade e Condicionalidade no Português do Brasil: Uma abordagem Cognitivista. (no prelo).
- FILLMORE, C. Frame Semantics and the Nature of Language. In: S. HARNARD et al. (eds.) *Origins and Evolutions of Language and Speech*. New York: New York, Academy of Sciences, 1976.
- FILLMORE, C. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical form in English Conditional Sentences. *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, 1990^a.
- FORSYTH, Frederick. *Icon*. New York: Bantam Books, 1997.
- FORSYTH, Frederick. *Ícone*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- GUTT, E. A. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. Oxford: Blackwell, 1991.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. São Paulo: Pontes, 1995.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *Espaços Mentais e Gramaticalização das Representações Espaço-Temporais em Português*. Projeto Integrado de Pesquisa. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, 1996.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *O Processo Cognitivo da Mesclagem na Análise Lingüística do Discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, 1999.
- SEARLE, J. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SILVEIRA, Sônia B. Gerenciamento de Tópico e Trabalhos de Face em Entrevistas de Emprego. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 1998.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell, 1995.
- SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWEETSER, Eve. *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: the University of Chicago Press, 1996.